

LIMA, Diógenes da Cunha. *Câmara Cascudo, um brasileiro feliz*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lidador, 1998. 236 p.

*Câmara Cascudo, um brasileiro feliz* não é um livro qualquer. Escrito e produzido com paixão, é um livro encantatório, cujo autor – o poeta Diógenes da Cunha Lima – é mais do que um competente conhecedor da obra cascudiana; antes, parece ser um *garimpeiro amoroso* das pedras raras que se encontram espalhadas por mais de 150 livros pelo Mestre da etnografia brasileira.

E por que Diógenes da Cunha Lima é um garimpeiro amoroso do continente literário chamado Luís da Câmara Cascudo? Porque o seu livro – ampliado e revisado nesta primorosa 3ª edição, com ares de novidade – é o resultado de um trabalho afetivo a partir das mais variadas pesquisas voltado para o lado mais humano (e acessível) de Cascudo: suas pequenas histórias (cf., por exemplo, *A espada do coronel*, p. 126), suas saborosas e oportunas reflexões (uma delas: “Mulher não tem idade. A idade da mulher é moldada pelo carinho do homem”, p. 162; outra: “A velhice dá dimensões líricas às coisas vulgares”, p. 91). Um trabalho afetivo que se completa, enfim, com a homenagem daqueles que o admiram e/ou o conheceram.

Na verdade, Diógenes investiu, e o fez com indiscutível empenho operacional (fugindo da pieguice que poderia ter sido fatal para suas pretensões literárias), no Câmara Cascudo colecionador de crepúsculos. E se Cascudo era colecionador de anoitecências, o autor de *O livro das respostas* é um colecionador de preciosidades, as preciosidades que sempre encantaram os cascudólogos, mesmo os mais exigentes. Só que, no caso de Diógenes da Cunha Lima, não se trata de um mero colecionador voltado para o seu próprio umbigo. Trata-se de um colecionador de emoções – as emoções que fazem vibrar o universo do seu Mestre, e que não é só seu. De certo modo, este é um livro cerimonial e nele se encontram relíquias da catedral cascudiana. E em sendo um livro cerimonial, exige do leitor um olhar marcado pelo lirismo e pela jovialidade. Deixemos de lado as nossas desavenças políticas e conceituais, por mais justas que sejam, e mergulhemos, limpos, em um mundo de surpresas culturais renovadas. Na verdade, Diógenes quer dividir a sua emoção com todos nós. E o consegue. Assim como quer nos mostrar porque “Cascudo é nosso símbolo de brasilidade”(p.23).

De qualquer maneira, a imagem de “coleccionador de crepúsculos” nos faz sonhar. É uma imagem dionisíaca em sua pureza apolínea. Nesta aparente contradição, ela se metaforiza no próprio devaneio. Seria bachelardiana, se não fosse cascudiana até a medula de sua brasilidade. É aqui, neste espaço de plena felicidade literária, que o livro, este livro particular, termina tendo uma dupla função: de um lado, abre-se como introdução intelectual para aqueles que ainda não têm consciência da brasileirice que trans/forma o mundo mágico de Cascudo em um mundo de alumbramentos criativos, continuando profundamente brasileiro; do outro lado, para os que conhecem bem, justifica-se como uma obra que aponta para a necessidade da releitura de seus principais livros, sobretudo aqueles centrados na etnografia.

Não se pense, contudo, que a tessitura amorosa que atravessa o livro diminui o seu valor literário, um valor que, aliás, extrapola o lado arqueológico que existe nele. Ao contrário, enriquece-o como produto acabado. Um produto que começa com a bela capa de Nei Leandro e Carlos Alexandre Chagas e se realiza como um todo. Decididamente, não é um livro qualquer, dizíamos no início do nosso comentário crítico. Assim como não é uma paixão qualquer a paixão que o ilumina: somente os grande leitores de poesia podem entender como se dá essa paixão pelo saber cultural, pelo saber literário. E o ser humano que não conhece o significado da paixão não conhece o significado da vida; uma vida sem paixões, isto é, sem poesia, não passa de uma “leitura inerte”(Bachelard!) que não se reconhece como tal.

O próprio Cascudo dizia: “Uma condição essencial para antropologistas e etnógrafos é ser um bom poeta. Mesmo que não faça versos. Sem a poesia os seus trabalhos perdem, no plano da comunicação fiel e positiva, a graça verídica, a possibilidade justa, a idéia da vida.” (p.104) E poesia – no sentido abstrato da emoção poética – é o que não falta em Cascudo. Aliás, além da poesia, também não falta humor: “Não se assombre, em Natal eu sou o único pecador profissional. Os outros são amadores.” (p.72) Sem poesia não há humor, sem humor não há amor (cf. Oswald de Andrade). E se estes são fragmentos de um discurso amoroso, toda a obra do etnólogo norte-rio-grandense é um intenso canto de amor à tradição popular e às vertentes & veredas culturais do país. Seus possíveis excessos e mesmo seus possíveis equívocos, em particular no campo da historiografia oficial, não ofuscam o brilho de sua monumentalidade intelectual. E,

em se tratando do Brasil do século XX, poucos autores atingiram essa dimensão. Certamente um Mário de Andrade também atingiu. Certamente um Gilberto Freyre, um Guimarães Rosa, um Graciliano Ramos, um Caio Prado Júnior atingiram. Na poesia um Murilo Mendes e um Jorge de Lima conseguiram atingir. Em suma, o elenco de nossos monumentos intelectuais e/ou literários é reduzido.

Há, no livro-síntese de Diógenes, o reflexo crítico dessa monumentalidade. Afinal, não é só o lirismo e o coloquialismo – às vezes, folclorizado – que se fazem representar nas citações, nos pensamentos, nas conversações. Há a observação arguta que, pronunciada no já distante 1959, continua mais atual do que nunca: “Se da universalidade não parte a valorização humana da ciência adquirida e sua aplicação nobre e digna, então está jurando solidariedade e aliança cúmplice com todos os elementos que anoitecem o mundo e espalham, na amplidão das cidades e dos campos, a imutabilidade do signo da angústia, da insatisfação do desalento, do pessimismo desfibrador e responsável por tantos males e maremotos sociais.” (p. 83)

Decerto, em alguns poucos depoimentos (nos Elogios de A a Z. p. 183-201), há momentos que soam afetados, que soam simplesmente apologéticos. Não contribuem para a grandeza de Cascudo, mas, por outro lado, são necessários para que o mapeamento do livro seja o mais completo possível, inclusive naquilo que o Mestre provocava uma certa submissão intelectual por parte de muitos de seus admiradores (talvez compreensível sob sua ótica de uma possível antropologia cultural da província). Sem dúvida, a leitura de Cascudo requer que sejamos insubmissos. Sobretudo hoje, diante da ditadura da mediocridade e da globalização, ler Cascudo é ler o Brasil. Ousemos parafrasear um Manifesto famoso: *Brasileiros de todas as culturas, uni-vos!*

Afinal, são múltiplas as nossas culturas. E o livro de Diógenes, sendo uma síntese do pensamento cascudiano, é múltiplo em sua abertura para esse mesmo universo. Ousamos mais uma vez: a partir de agora, qualquer um que pretenda levar a sério a obra do Mestre natalense (e brasileiro, bem entendido), não pode, por dever de ofício literário, ignorar o trabalho de Diógenes da Cunha Lima, um pesquisador feliz.

Moacy Cirne